

A influência tupí no léxico de práticas culturais da comunidade de Cariambá, no município de Bragança¹

Eliene Rosa Chaves²

Tabita Fernandes da Silva³

RESUMO: O presente trabalho consiste em um estudo específico do léxico referente às especialidades da fauna e da flora empregado na região bragantina, especificamente na comunidade de Cariambá, pertencente ao município de Bragança, no estado do Pará. Na pesquisa procede-se a um levantamento das denominações referentes às práticas da caça, da pesca, da produção da farinha e do cultivo de plantas medicinais na referida comunidade, com vistas à verificação da presença de elementos de origem Tupí na constituição desse léxico. O estudo busca respaldo teórico nas áreas da Lexicologia, da Linguística do Contato e de estudos descritivos e históricos sobre o Tupí. Os resultados da pesquisa revelam a presença de elementos do Tupí que ainda são conservados no léxico coletado. Tal evidência constitui um importante indicador do entrecruzamento entre povos distintos na região onde se encontra o atual município de Bragança.

PALAVRAS-CHAVE: Contato linguístico; Influência Tupí; Léxico; Fauna e Flora.

Introdução

O presente estudo consiste num levantamento do léxico de especialidade referente à fauna e à flora conforme empregados nas práticas da pesca, da caça, da produção da farinha e no cultivo de plantas medicinais na comunidade de Cariambá, pertencente ao município de Bragança a fim de se verificar a influência Tupí na constituição desse léxico. Visa contribuir para o conhecimento do léxico da região bragantina, pertencente à região do Caeté. Resulta de pesquisa levada a efeito no projeto *A Itinerância do léxico na região do Caeté* no Campus Universitário de Bragança, estado do Pará.

A presença de povos Tupí nas origens de Cariambá é frequentemente mencionada por moradores mais idosos, os quais justificam essa remanescência indígena, usando como evidência, principalmente, o biotipo dos moradores, o uso de certas palavras e as histórias contadas pelos mais velhos sobre a presença indígena no lugar. Embora sejam recorrentes esses testemunhos, ainda são lacunares estudos científicos que reúnam evidências dessa presença indígena na comunidade de Cariambá.

Este estudo reúne evidências da influência Tupí no léxico empregado na comunidade de Cariambá, tomando como parâmetro obras lexicográficas e descrições linguísticas disponíveis sobre

¹A presente pesquisa gerou o meu trabalho de conclusão de curso (TCC).

²Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela UFPA, campus Bragança, e aluno da Especialização Linguagens e Cultura na Amazônia na UFPA. elienerosachaves@yahoo.com

³Doutora em linguística (UnB). Professora da UFPA – Campus Bragança. tabitafs1@hotmail.com

o Tupí e outras línguas da família Tupí-guaraní tais como as de Anchieta (1595), Figueira (1880), Veríssimo (1887) e Bueno (2013), entre outras. O estudo vincula-se aos princípios teóricos da Linguística do Contato, da Socioterminologia e da Lexicologia. Os principais autores relacionados são Ribeiro (2008), Tarallo e Alkmin (1987), Bessa (2003), Vilela (1995), Rodrigues (2010) e outros.

O trabalho de pesquisa realizado aponta para a presença de termos de origem tupi na fauna e na flora na comunidade de Cariambá, especificando que o léxico referente à pesca e às plantas medicinais apontam um índice mais elevado de termos de origem tupi, já os referentes à caça e produção da farinha um índice mais reduzido. Assim percebe-se a importância do estudo do léxico, pois não sabemos por quanto tempo o léxico dessas especialidades da fauna e da flora resistirão ao contato e ao processo de industrialização das mesmas. A verificação dessa influência no léxico empregado na região visa trazer mais evidência sobre os entrecruzamentos de povos na região do Caeté.

O léxico como reflexo da cultura

O léxico, em certo sentido, pode ser considerado como o conjunto de vocábulos de uma língua que pode ser reunido em dicionários, glossários e outras obras de natureza lexicográfica. Os sujeitos usuários da língua em processo de comunicação é que são os provedores da formação lexical e da ampliação do léxico. Conforme Biderman

O léxico pode ser considerado como tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado (BIDERMAN, 1981, p.138, apud, ZAVAGLIA, p. 77).

Dessa forma, a cultura de uma sociedade pode ser representada pela organização e formação do léxico de sua língua. Assim, o léxico está diretamente ligado à maneira que o homem tem de organizar e categorizar o mundo onde vive. E essa maneira de conceber o mundo determina, em muito, os modos como o homem nomeia tudo o que existe.

O homem durante o procedimento de nomear também utiliza o método de classificação própria. Assim, a formação do léxico de uma língua nativa é um procedimento de nomeação e classificação dos acontecimentos do mundo, o que reforça o fato de que léxico e cultura estão estreitamente ligados. Conforme nos confirma Vilela (1994, p.6)

A parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico numa comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos,

encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade.

Por meio do estudo do léxico há a possibilidade de se reunir informações essenciais de como a língua é constituída, o número de empréstimos e o grau de conexão com várias outras línguas. Pode-se, ainda, utilizar o estudo do léxico de um povo e perceber uma mina de subsídios histórico-culturais na construção desse povo.

Apesar de o léxico ser um estoque de conhecimentos, não consegue organizar e registrar todas as informações durante a fase de transformação histórica, ou seja, não consegue guardar todas as mudanças de um povo ou manter intacta e na totalidade as contribuições de contato lingüístico pelo fato de o léxico coexistir em numa constante dinâmica de reformulação e ampliação. A citação a seguir colabora para tal afirmação

As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocabulários, ou novas significações de vocabulários já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (BIDERMAN, 2001, p. 179).

O léxico é objeto de estudo de áreas do conhecimento conhecidas como Ciências do léxico. São elas: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia e uma abordagem mais recente da Terminologia: a Socioterminologia. Todas elas se voltam para o estudo do léxico, cada uma, porém com suas especificidades.

Essas ciências fazem distinção entre o léxico comum ou geral e o de especialidade. Este último é objeto de estudo da Terminologia, ciência que, é definida por Krieger, conforme segue

A Terminologia é um campo de estudos de caráter inter e transdisciplinar, o que a leva a convocar um conjunto de saberes para a apreensão do fenômeno terminológico, por excelência, o termo, cuja essência situa-se na representação lexical do conhecimento especializado e na sua divulgação. Para tanto, contribuem determinados conhecimentos exteriores aos estudos da linguagem (KRIEGER, 2004, p.41).

Assim, o objeto de estudo da Terminologia é o termo, unidade de um campo específico do conhecimento, de modo que o léxico referente ao campo específico da pesca, da caça, da produção da farinha, do cultivo de plantas medicinais é um léxico de especialidade e sua unidade é

denominada *termo*, distinguindo-se, assim, do léxico geral ou comum. O termo é considerado pela mesma autora, como uma unidade significativa, recorrente num grupo de especialidade (KRIEGER, 2004, p. 75).

O fato de a Terminologia interessar-se, especificamente, pelo estudo do léxico de especialidade, leva-a a interessar-se por saberes e fazeres distintos de uma sociedade, exigindo dela um estreito diálogo com a cultura. Pode-se dizer, então, que as manifestações culturais e a realidade de uma comunidade estão refletidas no léxico. Diante disso, é possível entender que a língua está presente na vida dos homens e que, em sua trajetória, absorve elementos culturais vividos por diferentes povos. Assim, compreendendo a relação entre língua e cultura, podemos entender o que o ser humano pensa de si e de tudo o que está em sua volta, mediado pela linguagem que guarda e registra a cultura da qual faz parte. Tal poder que a língua tem de guardar a cultura de um povo é bem representado pelo léxico, tanto pelo geral, quanto pelo de especialidade.

O léxico como indício da formação social de um povo

Ribeiro (1995) aborda a origem do Brasil com a finalidade de tornar compreensível a formação e o sentido da nação brasileira. O autor remonta suas indagações ao período de colonização do Brasil e destaca a situação dos contatos interétnicos como matrizes de base de formação desse povo novo.

Ribeiro acentua o fato de que o Brasil ainda preserva uma história que foi transmitida de seus antepassados - os europeus, os índios e os africanos – por meio das designações de objetos, nomes de pessoas, nomes de lugares de saberes e fazeres revela com precisão os relacionamentos interculturais do passado, confirmados, segundo o autor nessa citação.

Em princípio, pela absorção da copiosíssima sabedoria indígena, que nos milênios anteriores se familiarizara com o que era a natureza circundante, classificando e dando nomes aos lugares e às coisas, definindo seus usos e utilidades. Depois, por sucessivas redefinições, umas vezes retendo os antigos nomes, outras, rebatizando, mas nos dois casos compondo um novo corpo de saber, voltado para valores e propósitos diferentes (RIBEIRO, 1995, p.57).

Dessa relação de etnias diferentes, em que a sociedade e a tradição cultural eram distintas, deu-se base para a formação de um povo novo. A concepção de Ribeiro sobre a formação e o sentido do povo brasileiro se dá através do conhecimento sobre a relação dessas etnias diferenciadas, chamada por ele de transfiguração.

No plano etnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos de África, e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas (RIBEIRO, 1995. p.30).

Ribeiro discorre sobre o período da formação do povo brasileiro mostrando que “A Ilha do Brasil”, nesse período, era ocupada por inumeráveis tribos indígenas do tronco Tupi, com números de habitantes quase iguais à população de Portugal. Cerca de um milhão de indígenas já dava seus primeiros passos para a revolução agrícola. Acentua, RIBEIRO 1995, p.30 “Na escala da evolução cultural, os povos Tupi davam os primeiros passos da revolução agrícola, (...) juntamente com outros povos da floresta tropical que haviam domesticado diversas plantas, retirando-as da condição selvagem para a de mantimento de seus roçados”. Os povos indígenas ultrapassaram a fase de nômades, pois já haviam domesticado várias plantas, Um exemplo dessa evolução é o manejo da mandioca, um alimento que, tornou-se comestível. Isso era possível através dos saberes e fazeres indígenas. Nos períodos de abundância e escassez em relação à caça e à pesca compreendiam a importância de habitar lugares privilegiados com igarapés e manter contatos com outras tribos do mesmo tronco Tupi por questões de sobrevivência.

Ribeiro trata da verossimilhança entre a cultura brasileira e a cultura europeia, e esclarece a influência lusitana na tradição e na origem sociocultural brasileira. O Brasil nasce das influências e transformações interétnicas, caracterizado por peculiaridades culturais, mas unido de forma genérica aos pilares de formação indígena, europeia e africana.

Por essas vias se plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser dos brasileiros, que permitem distingui-los, hoje, como sertanejos do Nordeste, caboclos da Amazônia, crioulos do litoral, caipiras do Sudeste e Centro do país, gaúchos das campanhas sulinas, além de italo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros etc. Todos eles muito mais marcados pelo que têm de comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou de miscigenação e aculturação que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela da população (RIBEIRO, 1995, p.21).

Ribeiro traça uma abordagem sobre o processo histórico da formação e o sentido do Brasil e dos brasileiros, discutindo questões como o contato interétnico – europeus, índios e africanos – demonstrando suas peculiaridades étnicas, e através da fusão dessas etnias devido ao processo de colonização formaram-se os valores socioculturais do Brasil.

Por meio das considerações de Ribeiro é possível compreender como se deu aquisição e a complexidade da identidade brasileira e quais foram os aspectos que contribuíram para o surgimento

e a formação do Brasil, destacando-se, nesse cenário, o contato interétnico como fator primordial para a constituição do povo novo.

Estudos sobre o léxico do português do Brasil mostram os empréstimos lexicais de línguas indígenas e africanas na língua trazida da Europa. A presença de elementos dessas línguas no português é um reflexo da coexistência histórica e do contato ocorrido entre esses grupos étnicos distintos. O caso particular do Brasil é um bom exemplo de como o léxico de uma língua pode constituir-se num reflexo da formação social de um povo.

O Contato entre povos e os resultados linguísticos

O contato entre grupos culturais distintos é uma realidade desde o mundo antigo. Na história da dominação de territórios quando os povos entravam em contato, geralmente, as línguas dos colonizadores eram impostas aos nativos, uma vez que a língua podia ser usada como um fator dominante – como ainda hoje pode. Durante o contato interétnico, os povos se mesclavam e reformulavam suas ideologias.

Quando nos referimos ao período de colonização do Brasil conhecemos a situação da língua portuguesa em confronto com as línguas indígenas, principalmente as de origem Tupi, juntamente com a colaboração forçada dos africanos. Os resultados desse período de contato entre culturas mostram como os encontros entre povos distintos podem gerar mudanças na situação linguística dos povos envolvidos.

Sabe-se que há resultados entre objetos distintos que entram em contato. Com os povos, suas culturas e línguas não são diferentes. É como afirmam Tarallo e Alkmin (1987, p.9): "Serão também os homens e suas culturas, suas línguas, sua sintaxe e sua fonologia afetados por fenômenos de contato, mistura, alquimia e mescla? É obvio que sim!". Desse modo, as línguas em contato se manifestam na estrutura da língua, formando-a de acordo com o contexto de seus indivíduos em relação direta com sua cultura. Sobre o contato entre línguas, este pode ser considerado como

Podemos dizer que duas línguas estão em contato quando são usadas pelos mesmos indivíduos, ou seja, quando existe uma situação de bilinguismo (ou multilinguismo) em que falantes bilíngues (ou multilíngues) constituem o *lôcus* do contato. Esta situação sociolinguística é uma das mais favoráveis às mudanças linguísticas, em que ocorrem fenômenos de empréstimos ou transferências na estrutura de ambas as línguas (SILVA CORVALÁN, 1989, p.178, apud, GARCIA, 2009).

A condição dinâmica das línguas em contato dá espaço para que sempre estejam abertas a influências mútuas, a inserção de léxicos, a manifestação diversificada em sua estrutura

morfofossintática, fonética etc. O léxico, conforme já mencionado, no entanto, é um desses níveis da língua que mais recebe essas influências.

Em se tratando de resultado linguístico dos contatos interculturais, é bastante comum o fenômeno do empréstimo, que consiste, principalmente, na adoção de material lexical de uma língua para outra. Vilela, quando aborda o léxico, refere-se aos empréstimos, de uma forma histórica, segundo o autor:

Podemos dizer que o empréstimo é o domínio do adstrato, mas substratos e superstratos foram superstratos foram a dado momento, empréstimos, pois participaram no desenvolvimento histórico da língua formal e conteudisticamente, não se distinguindo do tesouro comum da língua (VILELA, 1994, p. 17).

Os empréstimos linguísticos trazem algumas consequências para a língua importadora de um novo léxico, como, por exemplo, a concepção de uma nova identidade. Isso pode ser tanto a curto, como também em longo prazo.

Os empréstimos de que tratamos aqui ocorreram em virtude do contato das três grandes matrizes étnicas a que se refere Ribeiro (1995). Por questões de delimitação de nosso tema, interessa-nos, principalmente, os contatos entre falantes de línguas Tupí e do português. O contato linguístico que esses dois grupos mantiveram durante, pelo menos, três séculos, mostrou-se suficiente para as modificações ocorrerem no léxico.

As línguas do tronco Tupí e sua presença no português do Brasil

Nos meados do século XIX, o termo *Tupí* remetia-se a uma realidade linguística complexa e o tupinambá era a língua de base para o uso de outras formações linguísticas da época colonial. A família linguística Tupí-guaraní serviu como alicerce de estudos de outras línguas indígenas, pois o Tupí (nambá) e o Guaraní foram as primeiras línguas indígenas documentadas da família Tupí. Rodrigues (1986) lança um conceito de definição para as famílias linguísticas: As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético

De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior. (RODRIGUES, 1986, p. 29)

O contato linguístico no período colonial entre os homens portugueses e as mulheres indígenas, tido como uma aliança de troca de conhecimentos materiais entre ambas as etnias, fez surgir os filhos mestiços.

No início do século XX, era a língua dos mamelucos do norte, que também foram chamados de tapuias, pronúncia portuguesa de um termo de sua própria língua, *tapy'ya*, na qual significava índios (RODRIGUES, p.38).

Por fim, a Língua Geral Paulista e a Língua Geral da Amazônica foram criadas e desenvolvidas durante a colonização. Essas línguas correlacionadas com a língua portuguesa foram desenvolvidas e faladas em períodos socioculturais distintos. As línguas do tronco tupi foram capazes de se perpetuar na história da língua portuguesa no Brasil. A marca da importância da língua tupi é demonstrada pelos vestígios encontrados na constituição do léxico do português do Brasil.

Com o contato entre os povos indígenas e os portugueses houve troca de conhecimentos. Os portugueses adquiriram as línguas dessas comunidades indígenas e, aos poucos, os mesmos foram usando em seus vocábulos em português os nomes indígenas dos elementos típicos do novo meio ambiente, representado pelo léxico de elementos da flora e da fauna, mas também o léxico de objetos e conceitos da cultura dos índios.

Rodrigues afirma essa influência do léxico, esclarecendo que o empréstimo de léxico que nomeavam objetos e atividades da cultura dos povos indígenas, não havia no conhecimento cultural dos lusitanos. Houve grandes transformações na língua portuguesa do Brasil durante a colonização, bem como as línguas nativas sofreram retaliações e adaptações, contribuindo para a criação de línguas com aspectos das indígenas e do português.

RODRIGUES (2010, p.32) relata que “Mais abundantes são os nomes de espécies animais e vegetais, como os seguintes provenientes, provenientes do tupi e do tupinambá”. Cita exemplos de espécies da fauna de origem indígena - *cutia*, *capivara*, *paca*, *tatu*, *acará* ou *cará*, *piaba*, *sarapó*, *siri* e outros. Prossegue com exemplos de espécies da flora: *jacarandá*, *jucá*, *peroba*, *sapucaia* entre outros. Esse fator também colaborou para a ampliação e enriquecimento do léxico que resultou no português dos dias atuais.

A presença de elementos do Tupi no léxico coletado na comunidade de Cariambá

Nossa pesquisa foi desenvolvida na comunidade de Cariambá, uma sublocalidade pertencente ao município de Bragança. Na cidade de Bragança não há registros sobre a origem e história dessa comunidade. Para isso foi necessário coletar narrativas de dez moradores com idade acima de 65 anos. Por meio das informações guardadas na memória dos próprios moradores e coletadas durante as entrevistas, foi possível reconstruir um pequeno histórico da comunidade com

foco na origem e formação histórica de Cariambá, da qual os sujeitos informantes fazem parte. A comunidade de Cariambá fica a, aproximadamente, 15 km do centro urbano bragantino, acesso pela Rua Santos Drummond onde se localiza o aeroporto de Bragança.

Os moradores mencionam que a comunidade de Cariambá tem sua origem indígena: de *Corumbás* que significa “tribo unida”, no entanto, com o passar do tempo, passou a ser chamada de Cariambá, significando “povo unido”. As evidências sobre a remanescente indígena de Cariambá também é perceptível no biotipo dos moradores e nas histórias contadas sobre os índios que habitaram, no passado, o espaço da atual comunidade. Cariambá possui atualmente, no ano 2013, cerca de 185 famílias registradas na Secretaria de Saúde.

O sistema econômico predominante na comunidade de Cariambá é a agricultura familiar, principalmente a produção da farinha. A atividade da pesca é praticada por todos, homens e mulheres, e a caça por um número reduzido de pessoas do sexo masculino. Essas duas últimas atividades são apenas para sobrevivência dos moradores. Há, também, a prática de cultivo e manejo de plantas medicinais manipuladas pelas mulheres, cuja finalidade é atender à própria necessidade de saúde da população.

No que diz respeito ao sistema de saúde, a comunidade não possui estruturas como hospitais, postos e outros, no entanto a prevenção de saúde é feita na cidade de Bragança. O município remanejou uma agente de saúde com a finalidade de orientar a população sobre a higienização no âmbito da saúde e possibilitar assistência médica na cidade de Bragança. No aspecto da política, não há nenhum representante da comunidade com título na política, mas há relação de poder entre os moradores de Cariambá e políticos da cidade de Bragança.

Em relação à educação na Comunidade de Cariambá, esta é representada pela existência da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Educandário Casa dos Anjos. A comunidade ainda usufrui de espaços de lazer como dois campos de futebol, quadra esportiva da escola e o rio principal que tem a denominação de Cariambá.

No que tange à disponibilidade de transporte, estes são raros. Há apenas condução terrestre viabilizada por ônibus uma vez por dia para o deslocamento do meio rural para o urbano que acontece próximo das 06h00min da manhã e às 13h00min da tarde de retorno para a comunidade. A

linha de ônibus existente é o Ramal Santa Tereza, cuja passagem custa R\$ 3,00 (três reais). Há um ônibus escolar pelo turno da manhã.

Os meios de comunicação disponíveis são o rádio e a televisão que, com muitas dificuldades na transmissão, alcançam a comunidade. Há, também, acesso de comunicação por celulares, mas é necessário muito esforço para conseguir área de ligação na comunidade.

As manifestações culturais existentes na comunidade são as festas escolares da Escola “Casa dos Anjos”, as festividades da única igreja católica apostólica romana denominada Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. As festas anuais e tradicionais da comunidade são representadas por duas festas. A primeira é a “Festa no Terrero da Tia Noca”, que completou 53 anos, comemoração da colheita. A segunda é a “Festa do Boi-Bumbá”, uma comemoração no mês de julho que começou como uma brincadeira há 15 anos.

A comunidade apresenta características típicas de localidades situadas no interior. Seus moradores dormem cedo e acordam cedo devido à necessidade de lidar com a vida no campo, pois a atividade agrícola exige muito esforço físico dos trabalhadores. A comunidade ainda guarda traços bem marcantes de um ambiente rural, com a vida de trabalho na roça, herança passada de pai para filho até os dias atuais.

O léxico coletado nesta comunidade está relacionado às práticas culturais da caça, da pesca, da produção de farinha e do cultivo de plantas medicinais. A seguir apresentamos os resultados de nossa pesquisa, principalmente no que respeita à presença de termos de origem Tupí sobreviventes no léxico das referidas práticas culturais.

Campo I – termos da prática cultural da caça.

Nota-se, que, neste campo, o número de termos coletados foi bastante reduzido: 08 termos (*cutia, mata de capoeira, paca, porco/catitu, preguiça, tatu, veado, xadeco*). Desses termos, 04 são de origem Tupí (*cutia, mata de capoeira, paca, tatu*). Percebeu-se que, como a caça, atualmente, é uma prática que vem sofrendo bastante restrição, é desenvolvida em baixa escala pelos moradores. As interferências ambientais também têm causado modificação no ambiente e no fluxo de caça antes disponível. Nota-se, com isso, que, o progressivo desaparecimento da prática parece ter incidido também no desaparecimento de termos tradicionais específicos desse fazer. Muitas perguntas do

questionário deixaram de ser respondidas uma vez que o falante já não tem lembrança de como eram denominados determinados itens ou ações ligados à tradicional prática da caça.

Campo I – termos da prática cultural da pesca.

Observa-se, neste segundo campo lexical da fauna referente à pesca, um maior número de termos. Entendemos que, como a prática da pesca sofre menos restrição que a da caça, o uso dos termos referentes a essa prática tende a ser mais empregado no cotidiano, o que facilita a sua permanência na memória dos usuários. Foram reunidos 32 termos referentes a essa prática: (*acará/corro, anunjá/anujá, arapapá/marapapá/paneiro, avuado/avoado, cacuri, caranã, carpará, cofo/enfieira, fuzáca, guarumã, guelra, igarapé, jacundá, jiju, malbadeira, muduru, pata, piaba, piquirinha, piracema, pirambeba/piranha/peixe cd, puçá, sarapó, tamatá, tapagem, tarrafa, timbó, traíra, tuví, unambí., véva, vóia*).

Neste campo lexical, nota-se a presença bem evidente de termos de origem Tupí. Dos 32 termos reunidos, 24 têm clara e comprovada origem Tupí (***acará/corro, anunjá/anujá, arapapá/marapapá, cacuri, caranã, guarumã, guelra, igarapé, jacundá, jiju, muduru, patá, piaba, piquirinha, piracema, pirambeba/piranha, puçá, sarapó, tamatá, tapagem, tarrafa, timbó, traíra, unambí.***). Esse resultado é bastante coerente com o que a história registra sobre a região. A presença de indígenas na região cujos saberes e fazeres foram adotados com ou sem modificações pelos mestiços que se formavam de forma que a herança indígena da atividade da pesca conserva-se, ainda, tanto em seus instrumentos e modos de fazê-la, quanto na linguagem usada para denominá-los. Os termos *avuado, carpará, cofo/enfieira, fuzáca, malbadeira, tuví, véva e vóia* não foram encontrados nas obras lexicográficas do Tupí-guarani pesquisadas.

Nota-se que há uma predominância dos termos de formação simples, seguida dos termos derivados e uma baixa ocorrência de composições, que é um processo bastante empregado na formação dos topônimos da região. Não foi constatada a presença de termos de formação híbrida nesse campo específico.

A pesquisa mostra que há termos em variação. Há os casos de variação fonética (*anunjá ~ anujá/arapapá ~ marapapá* / e os casos de variação lexical (*acará/corró, /paneiro e pirambeba/piranha e peixe cd*). O caso do item 13, por exemplo, parece ser uma inovação recente haja vista a palavra *CD*, um item cultural que é relativamente recente na comunidade, integrar-se como uma das bases para a formação do composto “peixe CD”. Vê-se, assim, que a variação linguística ocorre mesmo nos âmbitos da língua que aparentam ser mais fechados, como o campo da linguagem de especialidade.

Campo II – termos da prática cultural da produção de farinha.

A produção de farinha em Cariambá ainda é uma prática bastante recorrente. Nota-se, nesse campo, também, uma considerável variedade de termos que abrange desde os itens relacionados ao plantio, passando pelas diversas fases do processamento da mandioca até o resultado final que é a farinha, o beiju. Os instrumentos implicados no processamento da mandioca também aqui são registrados, uma vez que ainda estão bem vivos na memória dos informantes.

Neste campo foram coletados 39 termos, 11 dos quais têm origem Tupí: *beiju, caroera ~croera ~ cruera, coivara, cuia, disguara, guarumã, mandioca, maniva, capoeira, tipiti e tucupi*). Os termos *amassar, assadeira, bacia, balde, barro, canaviá, canoa/massieira, casca branca, casca preta, casca vermelha, corte do talo, enxada, espremedor/sarilho/sarilbio, estaca, faca, farinha, forno, goma, grelar/grelhar/brolbar lenha, limpar, mamaluco, mandioca dura, mandioca mole, masseira/coxo e talo* não foram encontrados nas obras lexicográficas do Tupí pesquisadas.

Nota-se, que há poucos instrumentos tradicionais que ainda são empregados na prática de fazer farinha. Já são usados na atualidade instrumentos da cultura não indígena. O único instrumento tradicional que ainda sobrevive é o “tipiti” o qual ainda preserva a mesma denominação. A maioria dos termos de origem Tupí são os relacionados à matéria-prima da farinha e seus produtos, como “maniva”, “mandioca”, “caroeira”, “tucupi”, “beiju”. Mais uma vez observa-se que há o predomínio dos termos simples, seguido dos derivados e, finalmente, dos compostos. Também, aqui, não há presença de termos híbridos.

Campo II – termos da prática cultural do cultivo de plantas medicinais

O estudo realizado considerou tanto os termos quanto algumas importantes informações sobre a utilidade da planta, as partes dela que são utilizadas na manipulação dos remédios caseiros, o tipo de remédio produzido e o local específico onde as plantas são cultivadas.

Neste campo foram levantados os 57 termos seguintes: *abacateiro, açai, algodão, anador, andiroba, arruda, babatimão, babosa, bem-vem-cá, boldo, caatinga de mulata, café-branco, caju-açu, capim santo/capimarin/capim de santo, cebolinha, cravo de defunto, elixir-parigórico, erva-ciderira, gengibre/gingibi/gimbi, goiabeira, hortelã, hortelã nenê, hortelã grande/mavarisco, hortelã panela, hortelã pimenta, ibiriba, jacamim/jacamirim, japana, jatobá/juntai/jutaí, juncá/jucá, laranja, manga, malva de botão, malva rosa, mamão verde, manjerição, manjerona, maria-mole, mastruz, meracilina, nambu-tutano/marupá/marupazinho,*

nonho/nhonbu, orizã, pacacunha/pecacunha, pariri, patichulim, pluma/pruma/puma, quebra-pedra, quina, sucurijú, terramicina, trevo-roxo, ubá-uba, verônica, verga-morta/veiga morta/véga, e vick.

Desse termos apenas 17 termos são de origem Tupí ou apresentam elementos de origem Tupí: ***abacateiro, açai, andiroba, caatinga de mulata, caju-açú, capim santo/capimarim/capim de santo, goiabeira, ibiriba, jacamim/jacamirim, japana, jatobá/juntai/jutaí, juncá/jucá, laranja, nambu-tutano/marupá/marupazinho, pariri, sucurijú, uba-uba.*** Não obstante a prática de utilização das ervas na cura das doenças seja um saber e um fazer tradicionais, são poucos os termos que ainda trazem a língua de origem dos termos.

Os termos *gingibre/gingibi/ gimbi, hortelã grande/mavarisco, jacamim/jacamirim, nonho/nhonbu, pluma/pruma/puma, verga-morta/veiga morta/véga, algodão, anador, arruda, babatimão, babosa, bem-vem-cá, boldo, café-branco, manga, cebolinha, cravo de defunto, elixir-parigórico, erva-cidreira, hortelã, hortelã nenê, hortelã panela, hortelã pimenta, malva de botão, malva rosa, mamão verde, manjerição, manjerona, maria-mole, mastruz, meracilina, orizã, pacacunha, patichulim, pião-branco, quebra-pedra, quina, terramicina, trevo-roxo, verônica e vick* não foram encontrados nas obras lexicográficas pesquisadas.

Nesse campo das plantas medicinais, com um número mais elevado de termos, nota-se que, realmente, há uma predominância dos termos simples, seguida dos compostos e depois dos derivados. Destacam-se, mais uma vez, o baixo uso dos termos derivados. Também neste campo não se encontram formações híbridas. Neste campo encontramos abundância de termos em situação de variação.

Resultados da pesquisa

Os termos levantados ainda preservam formas utilizadas como linguagem específica do homem da Amazônia e registradas no século XIX. Embora com um percentual reduzido, foram encontradas algumas reminiscência de elementos do Tupí nos itens lexicais da fauna e flora, respectivamente, 04 léxicos da caça, 23 léxicos da pesca, 20 léxicos de plantas medicinais e 11 léxicos da produção da farinha que ainda sobrevivem ao tempo e à força do contato. Não se sabe por quanto tempo itens lexicais como “paca”, “cutia”, “tamata”, “piquirinha”, “arapapá”, “sucurijú”, “ibiriba”, “coivara” e “caroera”, entre outros, sobreviverão na fala uma vez que estão cada vez mais reduzidas às práticas culturais nas quais tais termos se encontram.

Quanto aos termos referentes à prática da pesca e ao cultivo das plantas medicinais – observou-se que, nestes, a presença do elemento Tupí é bastante significativa.

A intenção principal dessa pesquisa era a de averiguar nos termos referentes às práticas da caça, da pesca, da produção da farinha e ao cultivo das plantas medicinais desenvolvidos na comunidade de Cariambá a presença linguística do elemento indígena Tupí. Além disso, a grande contribuição deste trabalho era a de registrar os termos desses campos de especialidade, os quais fazem parte de um saber tradicional e de atividades do homem da região num tempo que é difícil precisar. Contamos geralmente a partir da colonização, mas sabemos que, antes disso, havia sociedades tradicionais habitando a Amazônia brasileira desde tempos os quais não sabemos datar. Assim, não é exagero dizer que os saberes e fazeres envolvidos nas práticas aqui tratadas é um saber milenar.

Ainda é impressionante o fato de que muitos termos de origem Tupí ainda sobrevivam uma vez que os anos de contato linguístico e de pressão da língua majoritária, o português, foi acirrado. Certamente que quando uma determinada palavra é tomada por empréstimo, tende a se manter na língua alvo. Depois que sai da língua de origem em direção a uma língua alvo, a palavra passa por um estágio em que ela ainda é sentida como estrangeira. Nessa fase ela é chamada de “estrangeirismo”, mas depois que ela não é mais sentida como estrangeira, atinge mais um status que é o de “empréstimo”. A palavra passa a incorporar-se ao vocabulário da língua-alvo, o que lhe confere mais chances de conservar-se.

A pesquisa confirma muitos dos pressupostos com os quais lidamos desde o início deste trabalho, entre eles, a intrínseca relação entre o léxico e a cultura. Notou-se com a pesquisa que o léxico recolhido na comunidade de Cariambá espelha os modos como tal comunidade está vivendo. Notou-se que, se há escassez na prática cultural, há uma correspondente escassez no léxico; do contrário, quanto mais aquele determinado fazer é praticado, há um correspondente no léxico por meio de uma maior quantidade de termos envolvidos.

Considerações finais

Desde o início, as influências ocorridas na formação da língua portuguesa devem-se ao contato linguístico entre os europeus, indígenas e africanos durante a consolidação do Brasil. Essa

influência é representada, principalmente, pelo vocabulário, que esteve sempre suscetível aos empréstimos, notadamente oriundos do Tupi. Durante o século XVI, houve um período extenso de contato europeu com os indígenas falantes das línguas tupi e tupinambá. O interesse dos portugueses em relação às línguas indígenas era puramente para absorver seus costumes e sobreviver no território colonial.

Nessa relação de contato lingüístico entre os lusitanos e nativos indígenas do Brasil, houve a necessidade da parte dos portugueses de se comunicar com os índios, portanto inseriram em seu português vocabulário de origem indígena, os quais são representados em abundância nos nomes de espécies da fauna e da flora. Portanto, palavras emprestadas do tupi e do tupinambá foram ampliadas na língua portuguesa articulada no Brasil.

Sendo assim, é notória a presença do Tupi nos nomes que designam a fauna e flora representada neste trabalho. Esse resultado reforça as informações históricas, pois a verificação do léxico de uma determinada comunidade permite reunir importantes informações sobre a língua, mas também sobre a ligação de um povo com outros povos, os entrecruzamentos e deslocamentos que compõem a história cultural desse povo, ou seja, o léxico representa a realidade sobre o conhecimento de mundo de uma determinada comunidade linguística.

Entendemos que neste trabalho ainda cabem aprofundamentos, principalmente no que diz respeito aos dados coletados. Estes ainda requerem um melhor tratamento. Não exploramos todas as possibilidades que o material coletado oferece no que diz respeito a um olhar sob a ótica da socioterminologia. São perspectivas futuras de trabalho que se abrem a partir deste primeiro estudo que, temos certeza, traz contribuições importantes para o conhecimento da região.

Referências

- ALKMIN & TARALLO. *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.
- ASSUMPÇÃO JR, Antonio Pio de. *Dinâmica Léxica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- BARBOSA, A. Lemos. *Pequeno Vocabulário Tupi-Português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.
- BESSA FREIRE, José Ribamar. *Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro, UERJ – Instituto de Letras, 2003. Tese de Doutorado em Literatura Comparada.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As Ciências do Léxico*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de & ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* – 2 ed. – Campo Grande, MS: ed. UFMS, 2001, p. 13 – 22.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

- BUENO, Silveira. *Vocabulário Tupí-Guarani Português*. São Paulo: Vidalivros, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e J.E.M.M. *Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa*. Editores Ltda. – 1986.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva LTDA. 2006.
- ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KRIEGER, Maria da Graça. FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução À Terminologia: teoria e prática*. São Paulo, Contexto, 2004.
- OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de & ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) *As ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande-MS : 2001.
- PEREIRA, César. *Sinopse da História de Bragança*. Belém, 1962.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Schwarcz, São Paulo, 2008.
- RODRIGUES, Aryon DalHigna. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. Loyola, São Paulo, 1986.
- _____. *Tupi, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil*. In: NOLL, Volker & WOLF, Dietrich. *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.
- STRADELLI, E. *Vocabulários da Língua Geral: Portuguez-Nheêngatú e Nheêngatú-Portuguez*. Rio de Janeiro, 1929.
- TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário Tupi-Português: Com esboço de gramática de Tupi Antigo*. São Paulo: Traço Editora, 1984.
- VERISSIMO, José. *As populações indígenas e mestiças da Amazonia*. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo I, Parte Primeira, p. 295-390. 1887.
- VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.
- _____. *Léxico e gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

ABSTRACT: This paper is a specific study of the lexicon related to the specificity of the fauna and flora in the bragantina region, specially in Cariambá, a community in Bragança city, state of Pará. The research is proceed with survey of designations relating to hunting, fishing , medicinal plants and the production of flour in that community , in order to verify the presence of elements originated from Tupi language in the constitution of this lexicon. The study has as theoretical support theories from the areas of Lexicology, Contact Linguistics and descriptive and historical studies on the Tupi language. The results reveal the presence of elements of the Tupi that are still preserved in the lexicon collected. Such evidence is an important indicator of crossing between different peoples in the region where Bragança city is located.

KEYWORDS: Contact linguistics; Tupi language influence; Lexicon; fauna and flora.